

Leandro Ribeiro Palhares

CAPOEIRA MINEIRA BRASILEIRA

**uma introdução aos fundamentos históricos da
capoeiragem**

**Diamantina
UFVJM
2016**

Leandro Ribeiro Palhares

CAPOEIRA MINEIRA BRASILEIRA:

**uma introdução aos fundamentos históricos da
capoeiragem**

**Diamantina
UFVJM
2016**

©2016 UFVJM

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Todos os direitos desta edição estão reservados à UFVJM.

Colaboração

Rodrigo Martins Cruz – Bibliotecário

Realização

Projeto de Extensão Gingando para a Vida

Apoio

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – UFVJM

Departamento de Educação Física – UFVJM

Capoeira Gerais – Mestre Mão Branca

Escola Cultural Capoeira Gerais

Contato

Leandro Ribeiro Palhares

leandro_palhares@yahoo.com.br / (38) 99140-9000

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618.

P161c Palhares, Leandro Ribeiro
Capoeira mineira brasileira: uma introdução aos fundamentos
históricos da capoeiragem / Leandro Ribeiro Palhares. – UFVJM:
Diamantina, 2016.
113 p. : il.

ISBN 978-85-61330-52-1

1. Capoeira. 2. Cultura Popular. 3. Educação. I. Título.
II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 796.45

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

EPÍGRAFE

Jogar capoeira

é escrever a história

com o corpo!

DEDICATÓRIA

Aos africanos que foram escravizados em terras brasileiras e nunca desistiram de lutar! E de cantar e dançar!

Aos valentões que colocaram seu nome na história com sangue, navalha e pontapés!

Aos 'velhos' Mestres da capoeiragem baiana pela genialidade de mudarem o curso da história!

Aos capoeiras de hoje que resistem, persistem e insistem pela disseminação da capoeira!

Ao meu Mestre, que sintetiza todos os tipos acima mencionados e segue firme em sua nobre missão!

Dedico este livro.

APRESENTAÇÃO

Olá pessoal,

Nós somos o Projeto de Extensão Universitária *Gingando para a Vida* (registro 037.2.032-2011 PROEXC/UFVJM), vinculado ao Departamento de Educação Física e que conta com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, em Diamantina, Minas Gerais.

O Projeto tem por missão disseminar a capoeira, mais especificamente seu gestual, sua musicalidade, sua história e seus fundamentos.

Este livro é uma oportunidade de você ter um primeiro contato com a história da capoeira, no Brasil e mais especificamente em Minas Gerais, e também a trajetória de vida de alguns dos principais personagens da capoeiragem e da cultura popular afrobrasileira.

Vale lembrar que este livro tem uma pequena e simples introdução aos conhecimentos apresentados. Para você saber cada vez mais, compreender melhor a

história da capoeira, o valor de um verdadeiro Mestre e a importância cultural e educacional da capoeira tem de se envolver com a capoeira: treinar e jogar sempre, estudá-la e buscar mais informações, principalmente, aquelas obtidas com os capoeiristas mais velhos, mais experientes e de confiança.

Espero que goste do livro e que ele sirva para despertar em você o gosto pelo imenso e rico saber popular afrobrasileiro que existe em torno da nossa capoeira.

Um abraço!

Leandro

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
CAPOEIRA BRASILEIRA.....	24
CRONOLOGIA.....	25
CAPÍTULO I – Síntese de uma Longa Trajetória.....	28
CAPÍTULO II – Lendas e Heróis.....	52
CAPOEIRA MINEIRA.....	77
CRONOLOGIA.....	78
CAPÍTULO III – Trajetos e Apontamentos.....	81
CAPÍTULO IV – Personagens e Mestres.....	90
CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIAS.....	108
AUTOR.....	111
CRÉDITOS.....	113

PREFÁCIO

O livro produzido por Leandro Palhares por meio de Projeto de Extensão desenvolvido na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, como professor no Curso de Educação Física, é um exemplo de trabalho dedicado ao reconhecimento da Capoeira como uma prática cultural de matriz africana que emergiu no Brasil, nos tempos coloniais, utilizada como instrumento de luta e resistência contra o escravismo e a colonização, levando em consideração seu valor histórico, político, estético, educativo, social, e filosófico. A versão adotada pelo autor, que também é capoeirista, assume uma postura descolonial ao colocar em evidência a história construída pelos seus personagens, na maioria negros e pardos, os quais enfrentaram com valentia e audácia o poder hegemônico colonial e pós-colonial, através da sabedoria, malícia e estratégias políticas aprendidas com seus ancestrais de diferentes matrizes africanas.

Um saber afrodescendente aprendido através do corpo e da oralidade representado na expressão da corpo-oralidade, ou seja, um modo articulado de compreender a vida que é distinto, e até oposto, ao padrão colonial eurocêntrico marcado pela divisão entre corpo e mente, natureza e cultura, sagrado e profano, subjetivo e objetivo, dentre outras características que legitimaram a escravidão, o machismo, o racismo e a depredação da natureza e das culturas humanas diferenciadas do modelo europeu. A perspectiva da corpo-oralidade presente nas matrizes africanas integra corpo, mente, cultura, natureza, luta, ancestralidade, espiritualidade e outras dimensões em suas manifestações, de um modo articulado e complexo diferente da visão colonial que fragmenta a diversidade da vida. Nesse sentido, o eurocentrismo propagou um quadro devastador e mortal que devastou aldeias, matas e rios, de forma brutal.

Sendo assim, a Capoeira representa um marco histórico de uma prática cultural e política que se posicionou contra essa violência praticada contra povos que não pertenciam à tradição europeia. O discurso

colonial inventou uma concepção de negro e de índio que os associou à ideia de seres primitivos, sem alma, sem racionalidade, pecadores, perigosos e outros estigmas terríveis; e em oposição criou o branco como um ser superior dotado de razão, nobreza, disciplina, limpeza, e representante da ordem. Essa ilusão eurocêntrica criou divisões entre culturas que, até hoje, produz genocídio em diferentes partes do planeta. O trabalho do Leandro Palhares apresenta uma versão oposta ao demonstrar que a Capoeira apresenta racionalidade, disciplina, organização e postura política, não sendo praticada por seres passivos que se submeteram à colonização.

Todavia, a criminalização e proibição da prática da Capoeira e demais manifestações de matriz africana (como o Candomblé e o Samba), principalmente no final do século XIX e início do século XX, num período em que o modelo urbano-industrial começava a impor um novo modo de exploração da força de trabalho, se tornou mais um obstáculo que foi enfrentado pelos capoeiras no período republicano. Essas passagens são retratadas no livro, e, mais uma vez, o autor ressalta como a sabedoria da capoeiragem soube jogar com as instâncias

de poder que se sentiam ameaçadas pelo movimento social que mais estremeceu as forças militares e as elites dominantes daquela época. Os capoeiras eram assediados por políticos e pessoas da riqueza para negociar suas reivindicações. Alguns eram convidados para ser chefes de polícia, capangas, e líderes de territórios, outros foram premiados e reconhecidos pelo seu respeito comunitário. Entretanto, a capoeiragem jogava com a ambiguidade do sistema, simulando estar dentro da lógica dominante, mas inteligentemente conquistava espaços para a legitimação da sua cultura e do seu povo.

O período do governo de Getúlio Vargas, mencionado no livro, ilustra bem esse modo capoeirístico de agir com malemolência frente a regimes belicosos que tentam impor uma forma austera de governança. A descriminalização da Capoeira pelo presidente Vargas, foi mais um exemplo histórico da força política da Capoeira, mesmo diante da imposição que sua prática fosse realizada em recintos fechados para retirá-la das ruas, praças e terreiros, os capoeiristas não perderam sua tradição ancestral, e nem mesmo a Capoeira de Rua

foi totalmente extinta. Diante dessas imposições, Mestre Bimba criou a Capoeira Regional, e Mestre Pastinha organizou os princípios ancestrais por meio da Capoeira Angola, em homenagem à sua principal matriz, e se tornaram verdadeiros ícones desse período histórico. O uso de uniforme adotado por esses Mestres não sucumbiu os rituais, a mandinga, a tradição, a musicalidade, a malícia, dentre outros elementos da capoeiragem. Por outro lado, alguns capoeiras resistiram a esse padrão nacionalista que tentou esportivizar a capoeira, divulgando seu trabalho nas ruas, praças, terreiros, e quintais, mesmo diante da repressão policial.

Nesse ponto, é preciso destacar que a matriz africana (como também indígena) se organiza pela circularidade e a matriz europeia pela linearidade. A pedagogia africana é circular e a pedagogia colonial é quadrada. A tentativa de enquadrar a Capoeira em recintos quadrados e controlados fez parte da estratégia dominante de abolir a tradição comunitária e circular expressa em rodas de Capoeira, Samba, Batuque, Candombe, Candomblé e outras manifestações. Todavia, se fez um círculo dentro do quadrado e a *volta ao mundo*

circulou novamente nas rodas de Capoeira tanto nas academias e escolas quanto em universidades. Isso mostra uma pedagogia africana oculta na prática da Capoeira, a qual os capoeiristas e pesquisadores da educação popular necessitam prestar mais atenção, pois propõe uma prática descolonizadora diante da linearidade da pedagogia europeia.

Em termos históricos, o livro de Leandro Palhares apresenta personagens da Capoeira que foram importantíssimos na história brasileira, mas que muitas vezes ficaram no anonimato devido à dominação fundada num modelo que exalta os heróis coloniais, de maioria branca e que associa os heróis populares a malfeitores, criminosos e desordeiros por contrariarem a ordem vigente. No período colonial, destaca-se Zumbi, o Rei dos Palmares, o qual "venceu mais batalhas do que qualquer general da história brasileira", conforme comentários do autor desse livro. No entanto, pouco se fala ou se estuda sobre esse ícone da resistência negra e outros personagens históricos da luta contra o escravismo. Qual modelo de sociedade ou comunidade os Quilombos propunham? Como os quilombolas

organizavam suas lutas? Muito do que aprendemos acerca dos movimentos sociais se fundamenta no modelo eurocêntrico, como as lutas sindicais, as quais são importantes, mas não incluem elementos de luta oriundos de matriz afrodescendente e indígena, que compõem nossa cultura.

Cabe ressaltar que vários personagens compuseram essa história, sendo que alguns estão citados no livro por meio de façanhas praticadas por Besouro, Manduca da Praia, Nascimento Grande, Bimba, Pastinha, os quais fizeram seus movimentos no Rio de Janeiro, Salvador e Recife e foram precursores de linhagens de capoeiras que se espalharam pelo país e pelo mundo. Quanto a Minas Gerais, ressalta-se o famoso Pedro Mineiro que migrou para Salvador e se tornou uma grande referência no início do século XX, sendo reverenciado em cantigas de Capoeira até nossos dias. Obviamente, que o livro não contempla todos os personagens devido aos limites de um trabalho acadêmico que se esforçou preciosamente para colocar em evidência um saber quase invisível para a maioria dos brasileiros, como também para quem pratica a

capoeiragem, tendo em vista a escassez de produção nesse campo.

Essa observação também procede para a história da Capoeira de Minas Gerais que ainda necessita ser mais pesquisada e historicizada, não apenas em Belo Horizonte, mas em outros centros urbanos. Entretanto, a história mineira apresentada no livro, o qual elegeu a capital mineira como referência, reflete muito a história brasileira da Capoeira, pois se iniciou de forma marginal e incipiente, sem a presença de Mestres consagrados, e foi constituída pelo esforço e encantamento de alguns capoeiristas que viajaram pelo país em busca de aprimoramento e ensinamentos que eram compartilhados em terreiros e quintais quando retornavam à terra natal. Nesse sentido, a capoeira belorizontina se estabeleceu como um mosaico que integrou movimentos da Capoeira Regional, Capoeira Angola e da Capoeira de Rua, articulando estilos do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

Fui discípulo do Mestre Toninho Cavalieri, citado no livro, no final do ano de 1971, e pude presenciar esse momento quando Cavalieri nos treinava sem a presença

do berimbau, integrando malandragem de rua e Capoeira. Na verdade, Mestre Toninho estava nos ensinando a Pernada Carioca, um jogo praticado nas ruas, praças, e praias pela velha guarda do Rio de Janeiro. Posteriormente, foi introduzido o uso do berimbau e demais instrumentos nas rodas do Mestre, como nas rodas que aconteciam no município de Sabará, no Bairro Nações Unidas. Os primeiros discípulos de Toninho, do final da década de 1960, buscaram intercâmbio com São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador e constituíram estilos distintos. Em Belo Horizonte, passaram capoeiristas fantásticos oriundos dessas matrizes, alguns provisoriamente e outros se instalaram na cidade. Como relata o livro, eram migrantes em busca de trabalho e sobrevivência, seja pela própria Capoeira ou alguma outra profissão. Nesse percurso, fui aluno também do Mestre Explosivo, formado por Bimba, que viveu na capital mineira durante oito anos. Além disso, pude treinar de forma compartilhada com Mestre Dunga, também mencionado no livro, no seu terreiro e no quartel, quando ele era soldado do Exército Brasileiro.

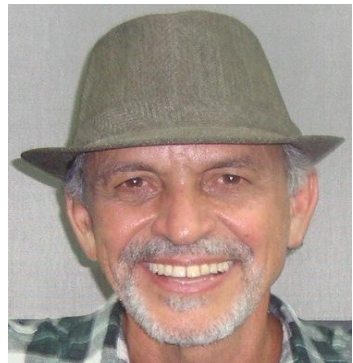
Naquela época, era difícil encontrar um parceiro para se treinar e intercambiar conhecimentos da Capoeira perante o preconceito social e da falta de espaços e de apoio governamental. Para superar essas dificuldades os capoeiras da década de 1970 se encontravam nos quintais, garagens, terreiros e matas para o exercício da capoeiragem. Pude compartilhar treinos históricos com vários personagens desse período como Brucutu, Bebinha, Chocolate, Escovão, Borracha, Negão, Farofa, Carneiro e, posteriormente, Véio, Malandrinho, Licinho, Negãozão, Primo, João Angoleiro, Jailton e Tigrê. Fiz parte também das rodas da Feira Hippie, inaugurada por Mestre Paulão, que em seguida foi assumida pelos Capoeiras de Rua, como também ajudei a fundar a famosa Roda da Praça Sete. Nessa época, Mestre Mão Branca, citado no livro, também transitou por essas rodas.

A leitura do livro me remeteu para uma reflexão histórica importante que contribuiu para apurar meu olhar numa perspectiva descolonial, que reconhece o significado político e estético da Capoeira sem ocultar sua ancestralidade, tradições e oralidade. Espero que

esse trabalho desperte novas produções, pesquisas e publicações. Necessitamos retirar a Capoeira da invisibilidade social e difundir seu saber fundado na matriz africana e sua forma de resistência para além da espetacularização imposta pelo mercado globalizado do mundo atual. Como pesquisador e capoeirista, convido aos leitores e praticantes da Capoeira a compor esse movimento que se fundamenta numa pedagogia circular e comunitária, a qual nos trará uma visão que rompa com os pressupostos coloniais do eurocentrismo.

Belo Horizonte, Agosto de 2016

Walter Ude/Mestre Boca



FONTE: acervo pessoal do autor.

CAPOEIRA BRASILEIRA

CRONOLOGIA

- 1500: Portugal encontra o Brasil.
- 1500 a 1888: Portugal se vale da mão de obra escrava para ocupar, produzir e extrair riquezas do Brasil. Durante quase 4 séculos negros africanos foram escravizados no Brasil e lutaram por sobrevivência, liberdade e igualdade. Criação e desenvolvimento da capoeira no Brasil com bases em referências culturais africanas. Ícone negro: Zumbi dos Palmares!
- 1888: Após muitas lutas os negros conquistaram a abolição da escravatura, que foi oficializada no Brasil.
- 1890: A capoeira se torna proibida por Lei no Brasil (Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, Decreto 847, Capítulo XII – Dos Vadios e Capoeiras, artigos 402 a 404).

- 1888 a 1930: Os capoeiristas foram o terror nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Surge o mito dos valentões. Principais nomes: Besouro (Bahia), Manduca da Praia (Rio de Janeiro), Nascimento Grande (Pernambuco) e Pedro Mineiro (Minas Gerais e Bahia).
- 1928 a 1936: Mestre Bimba cria a capoeira regional (Luta Regional Baiana), inaugura sua academia (Centro de Cultura Física e Regional) e tem o apoio do Presidente Getúlio Vargas.
- 1936: O Presidente Getúlio Vargas extingue o Decreto 847, que criminaliza a capoeira (e outras manifestações culturais e religiosas negras), passando a classificá-la como instrumento de Educação Física.
- 1941: Mestre Pastinha inaugura sua academia (Centro Esportivo de Capoeira Angola) e se torna o organizador e guardião – a principal referência – da capoeira angola.
- 1950 a 1980: A capoeira é disseminada por todos os estados do Brasil, inclusive em Minas Gerais.

- 1972: A capoeira foi oficializada como esporte pela Confederação Brasileira de Pugilismo e seu Regulamento Técnico foi aprovado pelo Conselho Nacional de Desportos.
- 1970 a 2000: Início do processo de internacionalização da capoeira, ou seja, ela passa a ser praticada em todo o mundo.
- 2008: A capoeira se torna Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Assim, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN inscreve a roda de capoeira no Livro das Formas de Expressão (artigo 1º, parágrafo 1º, inciso III, Decreto 3.551/2000) e o ofício dos mestres da capoeira no Livro dos Saberes (artigo 1º, parágrafo 1º, inciso I, Decreto 3.551/2000).

CAPÍTULO I

Síntese de uma Longa Trajetória

A escravidão e o surgimento da capoeira

À época das grandes navegações (séc. XV a XVII), uma das principais potências econômicas do mundo era Portugal (juntamente com a Espanha). Devido a este poderio, Portugal pode colocar seus 'modernos' navios ao mar para descobrir novas terras (como as Índias) com o objetivo de se obter uma 'fonte inesgotável' de matérias-prima e as tão cobiçadas especiarias. Durante uma destas viagens um país de dimensões continentais foi encontrado: o Brasil.

Com o passar dos tempos outros países também foram especializando suas frotas mercantes (França, Holanda e Inglaterra) na tentativa de conquistar terras novas para seus domínios. Com isto, Portugal se viu na obrigação de 'oficializar' seu domínio sobre a nova colônia e uma das formas encontradas foi povoar o Brasil, temendo as invasões francesas e holandesas e, é claro, explorar todas as nossas riquezas naturais. Para isto era necessário um volume muito grande de pessoas e que não dessem tanto prejuízo à Coroa. Daí veio a ideia de se praticar o tráfico negreiro. No continente

africano a região de Angola foi a mais procurada pelos portugueses para capturar negros que seriam enviados ao Brasil como mão de obra escrava. Os negros eram entulhados nos porões dos navios e viajavam durante meses com restrição à alimentação, pouco acesso a água, sem condições de higiene e, até mesmo sem se movimentarem. Desta forma obviamente qualquer tipo de doença se propagava facilmente e as mortes eram inevitáveis (muitos foram jogados ao mar para não contaminar os outros – se não a coroa portuguesa levaria prejuízo nas ‘mercadorias’).

Ao desembarcar em terras brasileiras os escravos foram distribuídos entre os donos de terra das Capitanias Hereditárias (forma como era dividida as terras brasileiras)¹. Porém, esta distribuição não foi

¹ Além do tráfico negreiro para obtenção de mão de obra a baixo custo e povoando o país, uma outra forma de se tentar evitar invasões e, ao mesmo tempo, diminuir mais ainda os gastos com a nova colônia foi a divisão do território em Capitanias Hereditárias: faixas de terras que iam do litoral até o interior do país (divisa com os outros países), onde cada uma era governada por um ‘ilustre’ português, a quem eram atribuídas responsabilidades do tipo: povoar sua capitania, plantar, criar animais, desenvolver primeiras construções e dar proteção. Logicamente existia um acordo com a Coroa para a divisão do que foi produzido em cada Capitania (assim Portugal cumpria seus objetivos sem ter maiores preocupações).

aleatória: era de tal forma que, em cada fazenda, as senzalas fossem ocupadas por negros provenientes de diferentes tribos africanas, com o objetivo de evitar a união dos mesmos através da força da cultura e da comunicação, evitando assim, possíveis rebeliões e fugas. Só que aqui podemos observar um fato imprevisível aos senhores de engenho que, felizmente, foi vital para ocorrer o sincretismo cultural entre os negros escravos. De acordo com Muniz Sodré (escritor, sociólogo, jornalista, professor titular da UFRJ e discípulo de Mestre Bimba), citado por pelo Mestre Nestor Capoeira:

“desde o início da colonização até meados do século XIX, era de interesse dos administradores coloniais e donos de escravos permitir as manifestações culturais negras, não só como válvula de escape para as tensões inerentes à escravidão, mas principalmente para acentuar as rivalidades tribais, que não eram tão fortes a ponto de, por exemplo, provocar guerras entre os grupos, mas ainda assim existiam. Era dividir para reinar” (CAPOEIRA, 1996, p. 26-27).

O pensamento branco tinha sua lógica, mas a ideologia negra de "... jogar com as ambiguidades do sistema, de agir nos interstícios do sistema" foi mais forte (Muniz Sodré citado por CAPOEIRA, 1996, p. 27). E foi através desta abertura no cruel sistema escravocrata que a cultura negra pode se (re)criar em nossas terras.

Através da apropriação desta cultura os negros foram se conscientizando e, assim, lutando por sua liberdade, conseguindo refúgio nas densas matas brasileiras, organizando-se em pequenas sociedades tribais (como na África), denominadas de quilombo². Estes quilombos eram o símbolo da resistência negra contra o preconceito. Nestas matas, em locais estratégicos, os negros capinavam uma parte do terreno, deixando uma vegetação rasteira onde faziam

² É interessante observar o que Júlio César de Souza Tavares (historiador, sociólogo e capoeirista), citado por Capoeira (1996), nos diz a respeito de quilombos: nos séculos XVI e XVII, por exemplo, eles eram instituídos escondidos e distantes, nas matas. O mais famoso foi o Quilombo de Palmares, na Serra da Barriga em Alagoas. E o Quilombo de Cumbé (em 1558), em Pernambuco, "... é o primeiro de que se tem notícia: poucos anos depois de os negros chegarem aqui, já havia quilombos organizados por negros que fugiam das senzalas" (p. 34-35).

emboscadas contra os capitães do mato (jagunços do senhor de engenho que iam à captura dos negros), utilizando sua luta corporal. Aquele local de 'mato ralo' era denominado capoeira; daí a luta praticada neste local ser chamada também de capoeira.

A partir do século XVIII, a Europa passa a sofrer profundas transformações no âmbito político e econômico em função do exército de Napoleão Bonaparte que continuava sua saga de dominar o mundo através de invasões e guerras. Inevitavelmente esta situação de terror chegou a Portugal, não dando outra alternativa para a Família Real a não ser sair de seu país 'pela porta dos fundos' e instalar-se em sua nova colônia. Neste momento, mais especificamente em 1808 (data do desembarque da Família Real), o Brasil passa de colônia a Império, iniciando uma nova fase, que proporcionou melhorias³ no setor industrial,

³Dentre as melhorias tem-se: abertura dos portos (com subsequente evolução nas relações mercantis); criação de indústrias, da Imprensa Régia e do Banco do Brasil (emitindo moeda própria); montagem de um aparelho burocrático de governo; processo de abertura cultural com a instalação de museus, escolas médicas, academias de Belas Artes, Teatro, academia militar.

cultural, educacional, político e econômico, para atender as necessidades da 'nossa corte real'.

Na Europa, Napoleão foi derrotado dando fim à Revolução Francesa e neste momento a Inglaterra (industrializada e detentora de tecnologia, capital e um exército muito bem armado) já era a maior potência econômica da época e fazia pressão política e econômica para que a 'corte brasileira' viesse a extinguir o regime escravocrata em busca de mais mercado consumidor (a Inglaterra enxergava um grande negócio no Brasil devido às terras férteis e às riquezas naturais). Com toda a pressão inglesa a única saída encontrada pela Coroa foi extinguir o sistema escravocrata e implantar o regime capitalista, criando assim o trabalhador assalariado – como queria a Inglaterra.

Cabe aqui uma reflexão acerca deste processo (extinção do regime escravista): sem dúvida alguma o principal agente responsável pela abolição da escravatura foi o próprio povo negro que utilizou de sua resistência – cultural, religiosa e física – para suportar toda a humilhação, (re)construir sua cultura e

costumes, (re)criar seus próprios recursos (como a capoeira e os quilombos, por exemplo) e lutar por sua ideologia: liberdade e igualdade.

A marginalização da capoeira

A principal consequência em virtude de todas estas mudanças foi a abolição da escravatura em 1888, com o negro conquistando a tão sonhada liberdade. Só que apesar de sua libertação, os negros não obtiveram o mínimo de oportunidades que lhes pudessem garantir cidadania: não tinham condições de ter sua própria casa, não podiam se vestir e alimentar com dignidade, não tinham acesso às mínimas condições de saúde, tornando-se excluídos da sociedade vigente, ficando à margem desta. Com isso, a capoeira – um saber prático inerente ao negro – também se torna objeto de exclusão social e passível de discriminação.

Muitos negros trabalhavam como estivador, artesão, empregados domésticos e outras atividades braçais. Muitos aceitavam qualquer tipo de proposta, como servir de capanga para pessoas influentes,

jagunços e matadores de aluguel, por exemplo. E outros tantos, cometiam furtos, roubos e outros delitos para sobreviver. Com isso, a população pobre e desfavorecida, predominantemente negra, passou a ser rotulada pela burguesia como marginal, ou seja, àquele “que vive à margem da sociedade ou da lei, como vagabundo, mendigo ou delinquente” (FERREIRA, 2004, p. 307).

Neste momento, final do século XIX e início do século XX (período de mudança no sistema político: de Monarquia para República), onde se podia ver esta situação com mais clareza era nas principais cidades portuárias do país: Rio de Janeiro, a capital federal à época; Recife, capital do Estado de Pernambuco; e Salvador, capital do Estado da Bahia.

No Rio de Janeiro, através das maltas de capoeiristas, grupos bem organizados e com objetivos definidos: brigavam pela ‘liderança’ das regiões da cidade. Em algumas ocasiões estas maltas se aliavam a partidos políticos com o objetivo de adquirir recursos, utilizando-se de métodos violentos, para sobreviver. Um exemplo clássico destas alianças são as duas principais

maltas, Guaiamuns (ligados aos republicanos) e Nagôas (ligados aos monarquistas) que eram rivais.

É importante reforçar como a capoeira serviu aos interesses políticos da época, mas não de maneira passiva e com uma postura vitimista; pelo contrário, foi tudo pensado e executado pelos capoeiras valentões da época para se articularem em torno do poder oficial e com isso garantirem sua sobrevivência. A relação da capoeira com a política e os políticos na capital federal da época pode ser ilustrada com o trecho a seguir:

“... a fanática Guarda Negra, que explorando os sentimentos de gratidão dos escravos libertos pela princesa Isabel [...] e com verbas da polícia, cuidava de salvar a monarquia e lutar contra os republicanos. Os capoeiras da Guarda Negra fizeram misérias, não houve uma reunião fechada ou um comício público dos republicanos que não fossem dissolvidos. O grande acontecimento promovido por eles foi a 30 de dezembro de 1888, quando do comício republicano à Sociedade Francesa de Ginástica... mal Silva Jardim começou a falar e o local se transformou numa praça de guerra, com grande número de mortos e feridos. Isto sem falar nos grupos e *maltas* arregimentados por chefes temíveis e temidos que muitas vezes representavam o

principal papel nas urnas eleitorais” (CAPOEIRA, 1996, p. 51-52).

A capoeira em Recife esteve ligada diretamente com as procissões, desfiles e festas religiosas, onde cada grupo – denominado por banda – tinha em sua linha de frente capoeiristas que por ocasião desses grupos se cruzarem defendiam sua facção. Os capoeiras também estavam presentes no carnaval pernambucano, defendendo cada qual sua banda: “as bandas rivais do [...] 4º Batalhão e da [...] Guarda Nacional desfilavam no carnaval pernambucano protegidas pela agilidade, pela valentia, pelos cacetetes e pelas facas dos façanhudos capoeiras que aos saracoteios desafiavam os inimigos...” (CAPOEIRA, 1996, p. 43 e 46). Com o tempo, o preconceito da sociedade e a repressão policial foram tratando de extinguir os capoeiristas “... até neutralizar o maior de todos eles, Nascimento Grande” (CAPOEIRA, 1996, p. 46).

Em seu Caderno de Folclore, Edson Carneiro (1975), diz que por volta de 1912, coincidindo com o fim da capoeira no Recife, surge o passo do frevo – deixado como legado da capoeira neste Estado.

Dois anos após a abolição da escravatura e um ano após a Proclamação da república, a violência nas principais cidades era tamanha, indicando o quão tenso era o momento social, político e econômico do país e tal era o envolvimento dos capoeiristas neste processo que a capoeira foi proibida por lei. O primeiro Código Penal da República de 1890 dizia em seu Decreto nº 847, Capítulo XIII – Dos Vadios e Capoeiras, de 11 de outubro de 1890:

“Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor ou algum mal:

Pena: De prisão celular de dois meses a seis meses.

Paragrapho único. É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidência, será applicada ao capoeira, o gráo máximo, a pena do art. 400 (recolhimento de um a três anos em colônias penais em ilhas marítimas).

Paragrapho único. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Si nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor publico e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança publica, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para taes crimes” (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 197-198)⁴.

Como se pode observar, a capoeira sempre foi perseguida, mas foi a partir de sua proibição legal até as primeiras décadas do século XX que ela passa a ser cada vez mais perseguida: moralmente pela sociedade e efetivamente pela polícia. Conforme Capoeira (1998, p. 47), “a repressão aos candomblés [ao samba] e capoeira atingiu seu auge [...] entre 1920 e 1927, com o famigerado Esquadrão de Cavalaria e a ação do delegado de polícia ‘Pedrito’ de Azevedo Gordilho”.

A ressignificação da capoeira

A partir da década de 1930, em um momento político conturbado devido a “revolução de 30 –

⁴ A citação foi extraída, por Oliveira e Leal (2009), do texto original de Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1 a 31 de outubro de 1890. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890.

movimento político militar, comandado por Getúlio Vargas, estadista, que praticamente governou o país durante toda a década, marcada sociopoliticamente [...] que culminou com a implantação do Estado Novo em 1937” (ABREU, 1999, p. 19-20). Getúlio Vargas conferiu ao Estado um caráter paternalista e, ao mesmo tempo, centralizador e controlador. Para ter o carisma e confiança do povo Getúlio iniciou uma política de enaltecimento da cultura popular (‘das coisas do povo’), com atitudes do tipo: valorizar, incentivar e divulgar o samba, o carnaval, o candomblé e a capoeira, que até então eram manifestações populares marginalizadas pela elite e que só aconteciam às escondidas e em datas exclusivas⁵.

A capoeira especificamente foi um dos exemplos notórios do ‘jogo de cintura político’ de Vargas: a retirou do Código Penal, liberando sua prática, mas somente com

⁵ “Não há campo do pensar e do fazer culturais, naquela década, no qual não aflore em escala variável a questão socioantropológica. Esta é a época [...] dos trabalhos de Gilberto Freire, Edison Carneiro [...] Época da formação do umbandismo, da afirmação social dos candomblés [...] Tempo que se impôs a música popular brasileira, em que as escolas de samba foram legalizadas e no qual se definiu o desenho barroco da escola brasileira de futebol...” (ABREU, 1999, p. 20).

uma ressalva: que fosse praticada em recintos fechados, o que facilitaria seu controle (atitudes como esta foram tomadas com relação às outras manifestações populares). Desta forma, ele agradava ao povo e não perdia seu 'crédito' com a elite dominante da qual ele dependia politicamente. A partir de então surgiu a necessidade de se colocar a capoeira em recintos fechados, iniciando uma nova fase na capoeiragem: a das academias⁶, um divisor de águas no desenvolvimento de uma cultura tão flexível.

Naquele momento a Capoeira iniciava uma de suas principais transformações: o surgimento em torno de si de um invólucro com todas as características para agradar a sociedade vigente (de acordo, é claro, com toda política getulista da 'retórica do corpo'): exame de admissão, uniforme, níveis de hierarquia, premiações por mérito, metodologia de ensino, enfim, condições que permitissem à capoeira uma conotação de 'esporte genuinamente nacional' – procedimentos que agradariam

⁶ Naquele momento não se tinha uma representação de academia conforme temos atualmente. Entendia-se por academias todo e qualquer espaço fechado (ex: cômodo, casa, galpão) que pudesse acomodar aulas e/ou rodas de capoeira e, é claro, que tivesse um endereço para controle.

aos militares e a burguesia da época. E o homem que genialmente conseguiu fazer esta leitura social, política e cultural para a capoeira foi Manoel dos Reis Machado⁷, Bimba de nascimento (devido a uma aposta entre sua mãe e a parteira) e Mestre por unanimidade.

Interessante observar que a capoeira percorreu trajetórias distintas nas três principais cidades da época. Em Pernambuco, esteve ligada à violência e foi fortemente perseguida até praticamente ser extinta. No Rio de Janeiro, também foi duramente combatida e só sobreviveu devido a alianças políticas. Já em Salvador, ela não só resistiu como se fortaleceu; e isto se deu por conta do sincretismo cultural ocorrido nesta cidade. O sincretismo foi a reunião de várias formas de expressão cultural de forma que traços de uma determinada cultura passasse a estar presente em outra, ou até mesmo dando

⁷ Para definir com mais propriedade o Mestre Bimba me aproprio da fala de um de seus discípulos e grande nome da capoeira atual. Mestre Itapoan comentou que “de vez em quando Deus olha aqui pra baixo e diz: ‘hoje vou exagerar, vou colocar na Terra mais um grande homem’. E isso aconteceu, desta vez, em 23 de novembro de 1900, em Salvador, Bahia, Brasil: nasceu MANOEL DOS REIS MACHADO, o MESTRE BIMBA, e a capoeira nunca mais foi a mesma!...” (ALMEIDA, 1994, p. 9).

origem a novos elementos. Como exemplo tem-se os processos de surgimento da Umbanda, onde “[...] combinaram as crenças de origens banto com elementos Nagô, indígenas, católicos e espíritas [...]” (Juana Elbein dos Santos e Deoscoredes dos Santos, citados por ABREU, 1999, p. 24). Outro exemplo foi a recriação da capoeira pelo Mestre Bimba, “combinando a capoeira de antigamente, costumes dos africanos no Brasil, com o batuque [...] conservando como bem de raiz a pulsação primitiva da capoeira: dança de guerra; luta” (ABREU, 1999, p. 41).

Até então a luta que foi criada pelos escravos e que veio se moldando até a época getulista era denominada apenas por capoeira. A partir de sua liberação oficial, apenas para prática em recinto fechado, Mestre Bimba criou uma nova capoeira, denominando-a de Luta Regional Baiana, que ficou popularmente conhecida até os dias de hoje como Capoeira Regional.

Com o advento da capoeira regional os demais capoeiras optaram por manter as tradições da ‘velha capoeira’, herança dos escravos. E foi em homenagem a estes escravos (a maioria dos que vieram para o Brasil

era oriunda de Angola) que a capoeira tradicional passou a ser denominada de capoeira angola, que também passou por algumas ressignificações e adaptações às demandas sociais e econômicas (surgimento de grupos constituídos por bandeiras, uniformes e referenciais didáticos e filosóficos), perseverando e se difundindo pelo Brasil e pelo mundo graças a um senhor de nome Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha. No ano de 1941, quatro anos após Mestre Bimba fundar sua academia, Mestre Pastinha abriu sua academia: o Centro Esportivo de Capoeira Angola.

Desta forma, os Mestres Bimba e Pastinha foram fundamentais para a ressignificação, valorização e expansão da capoeira; responsáveis por conduzir a capoeira de crime a "... um importante instrumento de educação assim como também uma prática social das mais humanizantes..." (ABIB, 2009, p. 29). Para mim, estes dois Mestres são verdadeiros gênios da cultura popular! Assim, devido ao sincretismo cultural ocorrido na Bahia, às mudanças sociais e econômicas na sociedade brasileira, aos interesses políticos de momento e ao surgimento 'das capoeiras' Regional e Angola, Salvador

passou a ser 'a terra mãe' (o 'berço'), polo difusor da capoeira para todo o Brasil e o mundo.

A capoeira em todo o Brasil

Nas décadas de 1960 e 1970 o Brasil estava no auge da ditadura militar, passando por uma crise econômica, o eixo econômico é São Paulo e Rio de Janeiro. No âmbito da capoeira, estavam surgindo os grupos Cordão de Ouro, em São Paulo e Senzala, no Rio de Janeiro, dois marcos na consolidação de um novo estilo de capoeira, a do sudeste do país (influenciada pela capoeiragem baiana de Mestre Bimba, ou seja, de caráter combativo, porém mais esportivizada: valorizando a flexibilidade, a força e o aperfeiçoamento técnico). E é em meio a este contexto social e político conturbado e de novos paradigmas que a capoeira foi disseminada por todo o país.

Durante estas duas décadas o país como um todo estava em processo de expansão, especialmente as Regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. E para tanto era necessária mão de obra especializada, principalmente da

construção civil, que na maioria das vezes era recrutada nos grandes centros (ex: São Paulo e Rio de Janeiro) ou em polos estratégicos de acordo com a região do país (ex: Salvador e Pernambuco, para o Nordeste; Pará, para o Norte). Desta forma, muitos capoeiristas percorreram o país, a trabalho, mas em seus momentos de folga divulgavam e ensinavam sua arte aos nativos que até então desconheciam a capoeira.

Em outra perspectiva, a capoeira também foi inserida em diferentes regiões do país através de algumas pessoas que tinham amigos capoeiristas nas cidades onde esta prática estava mais avançada, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, que, ao visitarem seus amigos ou ao receberem-nos em suas casas, lhes ensinavam a capoeira informalmente, como forma de lazer e diversão. Os praticantes iniciantes tomando gosto pela prática da capoeiragem, passam a viajar com mais frequência para as cidades de quem os iniciou, ampliando seu envolvimento com diferentes praticantes, através da participação em rodas de capoeira. E da mesma forma como aprenderam, começam a ensinar: em pequenos grupos, isolados e pontuais, nos terreiros das casas ou

em largos. Estes indivíduos, já com um conhecimento básico, resolvem se encontrar para praticar.

A capoeira disseminou pelo país, os primeiros grupos foram se estruturando e profissionalizando, os capoeiristas passaram a se dedicar cada vez mais como exigência desse novo 'mercado' e uma consequência direta e natural foi o surgimento de outros grupos, cada qual vislumbrando seu espaço.

Assim, independente de como a capoeira se insere nas mais diversas cidades das diferentes regiões brasileiras, o interessante aqui é destacar que essa disseminação nacional foi a responsável por fortalecer os grupos de capoeira já existentes: a ideia de uma matriz e distintas filiais espalhadas no país sob a justificativa de que cada filial promoveria a capoeira em uma determinada localidade e, anualmente, realizaria um evento onde os capoeiristas das outras filiais e o Mestre (matriz) estariam presentes. Tal interação social fortaleceria a capoeira, o grupo e, conseqüentemente, os próprios sujeitos envolvidos no processo.

A capoeira pelo mundo

A partir das décadas de 1980 e 1990 observou-se uma crescente valorização da capoeira no Brasil, sendo requisitada nas academias de ginástica, clubes, escolas e universidades (demanda social de mercado). A expansão e valorização da prática da capoeira e sua aceitação pela sociedade foram tamanhas a ponto do Governo Federal a incluir em seus documentos legais sobre a educação nacional: Leis de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) e nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação infantil (BRASIL, 1998).

Neste momento, havia milhões de praticantes em todo o Brasil, distribuídos em inúmeros grupos e, principalmente, em alguns poucos megagrupos⁸. Este enorme contingente gerou um transtorno de ordem econômica e social: o mercado nacional para ensinar capoeira tornou-se concorrido e um espaço nesse nicho

⁸ Termo utilizado para se referir aos grupos de capoeira tradicionalmente consolidados: com alguma estrutura empresarial, visão administrativa, com muitas filiais espalhadas pelo Brasil e em outros países (representando um grande contingente de praticantes sob seu escudo), que realizam grandes eventos (inclusive com cobertura midiática) e liderados por um Mestre com um forte espírito de liderança, um excelente nível de fundamentação e de ótimo relacionamento com outros Mestres renomados.

social e conseqüente retorno financeiro ficava cada vez mais difícil. Com isso, alguns capoeiristas, muitos deles Mestres, passaram a se aventurar em busca de um novo mercado para a capoeira: o exterior, especialmente a Europa e os Estados Unidos.

Com o passar dos anos aqueles que conseguiram se estabelecer em outros países e os mais preparados, física, técnica, tática e musicalmente, e com o respaldo de um grupo estruturado, organizado e com boa fundamentação no Brasil, passaram a exportar capoeiristas para um número cada vez maior de países, como por exemplo, os do leste europeu e os sul americanos.

Dos anos 2000 até os dias de hoje se pode constatar uma consolidação da capoeira em todos os continentes do planeta, com praticantes em mais de 150 países (OLIVEIRA; LEAL, 2009), e uma significativa contribuição para a disseminação da língua portuguesa pelo mundo: as aulas, as rodas e as músicas são ensinadas no nosso idioma, incentivando o estrangeiro a aprender o português para se dedicar e desenvolver na capoeira. Além disso, a capoeira também possibilita, com

êxito, o turismo cultural, tanto de brasileiros para os mais diversos países para participarem de eventos, quanto de estrangeiros que vem ao Brasil para assimilar os fundamentos dos Mestres que aqui vivem; é como se diz na capoeira: vem 'beber água da fonte'.

CAPÍTULO II

Lendas e Heróis

Zumbi dos Palmares



FONTE: <http://educacao.uol.com.br/biografias/zumbi.htm>.

Zumbi nasceu livre em qualquer ponto dos Palmares, em 1655. Milhares de documentos amarelos, difíceis de ler, guardam a história do preto pequeno e magro que venceu mais batalhas do que todos os generais da História Brasileira juntos.

Tudo começou com um ataque a Palmares em 1655 que resultou na prisão, dentre outros, de um recém nascido, que foi entregue a um padre jesuíta português, Antônio Melo, que o adotou e o batizou como Francisco José. A infância de Francisco não foi das

piores: o padre talvez lhe batesse, como era comum na época, mas não lhe faltou alimento, roupa e remédio. Padre Melo achava Francisco inteligente e resolveu ensiná-lo português, latim e religião.

Numa noite em 1670, ao completar quinze anos de idade, Francisco fugiu: deixou a liberdade e o conforto da casa de padre Melo para voltar a Palmares. Aos vinte e três anos recusou a paz que Ganga Zumba (seu tio e líder de Palmares) firmara com o então Governador da Capitania de Pernambuco. Aos vinte e cinco anos desafiou a autoridade de seu tio e, com isso, tornou-se o novo (e último) líder de Palmares.

Zumbi liderou Palmares por 15 anos. Guerreiro imbatível venceu mais batalhas do que todos os generais juntos, da História Brasileira. Zumbi tinha uma grande diferença desses generais, que combatiam para conquistar territórios ou para escravizar: lutava para sobreviver e não sucumbir seu povo à escravidão. Zumbi é o maior símbolo de resistência de nossa história.

O Quilombo de Palmares resistiu aos ataques das mais diversas expedições, quase por um século, vindo a ser destruído em 1694, pelo bandeirante paulista

Domingos Jorge Velho, exímio caçador e assassino de índios. Não se sabe ao certo quantos mil índios este homem matou, no entanto sabe-se que ele partiu contra Palmares, com toda fúria e ira, com seus canhões.

Seus soldados massacrando mulheres e crianças sem um pinga de compaixão. Zumbi e seus guerreiros lutavam como nunca, até o último momento, mas foi impossível vencer os canhões de Domingos Jorge Velho. Zumbi vendo a batalha perdida fugiu para tentar construir um novo Palmares, mas um ano mais tarde, foi traído, vindo a ser morto na Serra Dois Irmãos (atual Estado do Ceará), por volta de cinco horas da manhã de 20 de novembro de 1695.

Seu corpo foi esquartejado e sua cabeça ficou exposta em uma praça pública em Recife a mando do Governador de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro, para servir de exemplo para aqueles que quisessem resistir a escravidão. Morreu, mas não se entregou ao cativoiro – se tornou imortal! Zumbi lutou não só por liberdade, mas também por igualdade. É por isso que é

impossível falar de capoeira sem falar neste herói da história brasileira.

Atualmente, o dia 20 de novembro não é apenas para recordar a morte de um ícone nacional, um verdadeiro (e real) super herói brasileiro; é uma data para celebrar a verdadeira abolição da escravatura – a escravidão social e cultural. Zumbi Vive! Zumbi vive na resistência, persistência e insistência pela cultura popular afro-brasileira!! Zumbi vive em nós!!!

Besouro Mangangá



FONTE: Abib (2009, p.47).

Manuel Henrique, filho de João Grosso e Maria Haifa, nasceu em 1897 e desde cedo aprendeu, com o Mestre Alípio, os segredos da capoeira. Na Rua do Trapiche de Baixo, em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, foi batizado⁹ como Besouro

⁹ Batismo é o momento que o capoeirista passa a ser reconhecido pelo apelido, passando a modificar inclusive a sua identidade.

Mangangá por causa de suas características: negro, pequeno, 'cascudo e voador'¹⁰.

Negro forte e de espírito aventureiro, nunca trabalhou em lugar fixo nem teve profissão definida. Quando os adversários eram muitos e ele ficava em desvantagem na briga, Besouro sempre dava um jeito de desaparecer, daí a crença de que tinha poderes sobrenaturais.

De trem, a cavalo ou a pé, embrenhando-se no matagal, Besouro, dependendo das circunstâncias, saía de Santo Amaro para Maracangalha, ou vice-versa, trabalhando em usinas ou fazendas. Certa vez, sem trabalho, foi a Usina Colônia, em Santo Amaro, conseguindo colocação. Uma semana depois, no dia do pagamento, o patrão, como fazia com os outros empregados, disse-lhe que o salário havia 'quebrado para São Caetano', isto é: não seria pago! Quem se atrevesse a contestar era surrado e amarrado num tronco durante 24 horas. Besouro, entretanto, esperou que o empregador lhe chamasse e quando o homem

¹⁰ Cascudo talvez por um estilo de capoeira mais agressivo ou então por ser difícil de ser combatido. E voador possivelmente por conta da habilidade em alguns movimentos aéreos.

repetiu a célebre frase, foi segurado pelo cavanhaque e forçado a pagar, depois de tremenda surra.

Misto de vingador e desordeiro, Besouro não gostava de policiais e sempre se envolvia em complicações. Certa vez obrigou um soldado a beber grande quantidade de cachaça. O fato registrou-se no Largo de Santa Cruz, um dos principais de Santo Amaro. Sempre envolvido em brigas, Besouro por muitas vezes tomava partido dos fracos contra os proprietários de fazendas, engenhos e policiais.

Empregando-se na Fazenda do Dr. Zeca – homem influente, Besouro brigou com seu filho, ficando marcado para morrer. Certa vez, o Dr. Zeca mandou Besouro entregar uma carta para um amigo seu, administrador da Usina Maracangalha. E a carta dizia para que se matasse o portador, no caso Besouro, que não sabia ler nem escrever.

O destinatário com rara frieza mandou que Besouro esperasse a resposta no dia seguinte. Pela manhã, logo cedo, foi cercado por cerca de 40 soldados que abriram fogo, sem contudo atingi-lo. Um homem, entretanto, conhecido por Eusébio de Quibaca, quando

notou que Besouro tentava afastar-se gingando o corpo, chegou sorrateiramente e desferiu-lhe violento golpe com uma faca de ticum (tipo especial de madeira).

Manuel Henrique, o Besouro Mangangá, morreu jovem, com 27 anos de idade, em 1924, deixando seu legado: histórias fantásticas e lendárias de seus feitos; o ideal de justiça e igualdade; a valorização da cultura do seu povo, em especial a capoeira; e dois alunos, os Mestres Cobrinha Verde e Siri de Manguê.

Manduca da Praia



FONTE: <http://www.historyoffighting.com/mestre-manduca-da-praia.php>.

Manoel Alves da Silva, mais conhecido por Manduca da Praia, viveu na segunda metade do século XIX na cidade do Rio de Janeiro. Sua vida de jovem e adulto se passou em um período de conturbação no país: a escravidão estava vigorando, porém já havia uma pressão política e econômica para sua abolição e, principalmente, uma forte pressão das classes populares – sobretudo os negros – por liberdade e justiça. Em meio a este cenário o Rio de Janeiro, então capital do país,

vivia um período de verdadeiro terror com as maltas de capoeiristas provocando todo tipo de tumulto.

Manduca da Praia não participava de nenhuma das maltas e ele justificava esta opção por uma estratégia comercial e política já que era comerciante (tinha uma banca de peixes no mercado) e também realizava a segurança particular de algumas pessoas ilustres. Desta forma, seu envolvimento com as maltas poderia prejudicar seus negócios. Pensando pela lógica dele, tal escolha fazia sentido, pois era sabido que ele ganhava muito dinheiro e fazia questão de ostentar isso: levava uma vida com regalias; aos finais de semana não media quantias nas noitadas; se vestia com a decência pertinente à época (terno, calça, sapatos de bico revirado, chapéu de castor branco, gravata de cor com anel corrediço, casaco grosso e comprido, tinha um relógio preso a uma corrente de ouro e usava uma bengala feita de cana-da-índia).

Além de suas atribuições físicas, alto e de porte físico que impunha respeito, era habilidoso no uso da navalha, do punhal e do Petrópolis (porrete feito de madeira de lei) – acessório típico dos valentões e

desordeiros da época. Não bastassem todos estes atributos ele ainda era um exímio capoeirista, sabendo usar socos, cabeçadas, bandas, rasteiras e o rabo de arraia. Por tudo isso era temido e respeitado pelos policiais e por outros capoeiristas.

Sua fama de valentão se deu nas ruas do Rio de Janeiro e, de acordo com Capoeira (1996), dois episódios foram marcantes na sua trajetória. Em um deles, por ocasião da Festa da Penha, ele sozinho brigou com um grupo de romeiros que estavam armados com pedaços de pau. Manduca da Praia os deixou estendidos no chão, inutilizando alguns. No entanto, o episódio que aumentou sua fama se deu por conta de um deputado português chamado Santana. Ele era reconhecido por sua força física, por nunca ter perdido uma luta no jogo de pau (combate entre oponentes que se valem de porretes de madeira) e por gostar de desafios dessa natureza. Chegando ao Rio de Janeiro ficou sabendo da fama de Manduca da Praia e foi procura-lo para um confronto. Manduca não apenas aceitou como tirou a invencibilidade do deputado valentão, valorizando ainda mais sua posição de destaque na sociedade carioca.

Ao longo de sua vida Manduca da Praia respondeu a 27 processos por lesões graves e leves. Foi absolvido em todos devido a sua influência política e social e porque não especular também devido a sua fama e boa condição financeira. Todas estas histórias de valentia e coragem de um capoeira que adquiriu destaque social pelas suas habilidades corporais, mas também pelo seu trabalho tornam Manduca da Praia uma das lendas populares do nosso país.

Nascimento Grande



FONTE: <http://portalacapoeira.blogspot.com.br/2011/01/nascimento-grande-o-terrivel.html>.

José Nascimento da Silva – o temido e invencível Nascimento Grande – nasceu em 1842, em Recife, capital pernambucana. Ele era negro, tinha um longo bigode e um físico avantajado (media cerca de dois metros de altura e pesava aproximadamente 120 quilos) e era veloz e ágil, características a princípio incompatíveis com a sua estrutura física. Geralmente se vestia de terno, sapatos, usava chapéu grande e sem abas, andava com uma capa de borracha dobrada

apoiada em um dos braços e portava uma bengala que pesava cerca de 15 quilos, que ele chamava de 'a volta' (BELTRÃO, 2007). Ele trabalhou como estivador no Porto do Recife e lá também era conhecido devido a sua força fora do comum.

No período compreendido entre a última década do século XIX e os primeiros anos do século XX inúmeros valentões cravaram seus nomes na história do carnaval de Recife, mas Nascimento Grande foi o maior de todos! Ele nunca provocou uma briga, mas também não recusou nenhuma provocação, nunca tendo saído derrotado. Durante os inúmeros confrontos que se envolveu fazia uso de suas pernas, saltava de banda, escalava muros... e depois procurava a polícia e se entregava.

Por conta da sua conduta, tornou-se exemplo de honestidade e integridade, valentia e nobreza. Com isso, foi recompensado com a proteção dos políticos influentes da época. Além disso, a imprensa concedeu a ele o título de 'herói popular', por ele lutar sempre para se defender.

A fama de Nascimento Grande despertou curiosidade e inveja entre os valentões mais famosos do Brasil: Pirajé (Pará), Manezinho Camisa Preta (Rio de Janeiro), Pajeú (sertão pernambucano) e João Sabe Tudo (Recife) eram alguns que queriam matá-lo para 'herdar' seus feitos e glórias. De todos os desafetos os mais perigosos foram: Corre Hoje – que o cercou com mais sete capangas e ainda assim morreu com um tiro; Antônio Padroeiro – que foi desarmado e morreu espancado; e Pajeú – que o atacou com uma peixeira, mas foi desarmado, apanhou e ainda se viu vestido com roupas de mulher e envergonhado em praça pública.

No entanto, as principais e mais violentas brigas aconteceram entre Nascimento Grande e João Sabe Tudo. Uma delas ocorreu em frente à Igreja do Carmo e após um confronto sangrento, Nascimento Grande carregou nas costas seu oponente até o hospital. A outra aconteceu no Largo da Paz, em plena luz do dia e com a população assistindo. Aos sopapos, eles entraram na Igreja Matriz São José quando o vigário intercedeu em nome de Deus. Contra a vontade, os dois selaram um aperto de mãos e nunca mais brigaram entre si.

O último episódio de valentia de Nascimento Grande foi quando ele tinha 93 anos de idade e morava no Rio de Janeiro. Um feirante vendeu um abacaxi estragado para ele, que descobriu, voltou à feira e reclamou. O português dono da barraca não se importou com a reclamação e então foi surpreendido por um estrangulamento.

Ao longo de sua vida ele conquistou a simpatia e o reconhecimento de muitas pessoas, inclusive de intelectuais, não só do Recife, mas de abrangência nacional: Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Câmara Cascudo, José Mariano e Gilberto Amado. Por ocasião da morte de Nascimento Grande – aos 94 anos de idade (em 1936), em Jacarepaguá, no Estado do Rio de Janeiro – Gilberto Freyre chegou a reivindicar do governo uma homenagem póstuma a ele.

Mestre Bimba



FONTE: <http://capoeirabayarea.com/capoeira-regional/mestre-nenel>.

Em 23 de novembro de 1900 nasceu Manoel dos Reis Machado, em Brotas do Engenho Velho, Salvador, Bahia. Filho de Maria Martinha do Bonfim e Luiz Cândido Machado, campeão de batuque (luta antiga e muito violenta – já extinta). Antes de seu nascimento, sua mãe fez uma aposta com a parteira que seria uma menina. A parteira apostou que se fosse menino seu apelido seria bimba (como é chamado o órgão genital masculino na gíria baiana). Assim, quando Manoel nasceu já veio com um apelido: bimba.

Ainda criança, Bimba foi iniciado na capoeira, na Estrada das Boiadas, hoje o bairro da Liberdade em Salvador. Durante quatro anos um africano, ex-escravo, chamado Bentinho, Capitão da Companhia de Navegação Baiana ensinou capoeira a ele. Depois desse tempo passou a ensinar durante dez anos. Baseado nessa experiência de dar aulas e também pelo seu gosto por lutas percebeu que a capoeira que praticava não era muito eficiente enquanto um combate. Assim, em 1928, Mestre Bimba criou um método próprio de ensinar capoeira, voltado para defesa pessoal: a Luta Regional Baiana (que hoje conhecemos por capoeira regional).

O novo estilo de capoeira criado por ele consistia de uma sequência de ensino organizada em oito partes mais a cintura desprezada, conjunto de movimentos de projeção do outro capoeirista (os balões). Ele também criou outros elementos didáticos e organizadores da capoeira: batizado (quando um aluno joga pela primeira vez com um Mestre em uma roda oficial e recebia um apelido); festa de formatura (quando os alunos mais experientes concluíam o curso de capoeira regional e recebiam a primeira graduação); cursos de

especialização (quando os alunos formados continuavam treinando para aprimorar e desenvolver sua capoeira, geralmente voltado para a defesa contra vários oponentes e contra armas brancas). Mestre Bimba foi o primeiro capoeirista a organizar eventos de capoeira, reunindo seus alunos, familiares e a comunidade em geral, em um evento festivo para todos e um momento especial para os alunos.

Em 1932, Mestre Bimba abre a primeira academia exclusiva de capoeira no mundo: o Centro de Cultura Física Regional (CCFR). Em 1937 ele recebe o registro de Professor de Educação Física (a primeira pessoa que recebeu o título de educador físico sem ter feito qualquer curso, apenas por seus feitos de grandeza pela capoeira: um verdadeiro educador pelo corpo).

Desde que criou a capoeira regional, Mestre Bimba desafiou lutadores de diversas modalidades marciais para subir ao ringue e enfrentá-los com sua capoeira regional. E assim, sem perder uma luta sequer (a luta que durou mais tempo foi um minuto e meio), ele apresenta o novo estilo de capoeira para a sociedade baiana, conquistando respeito e espaço. Também levou

sua luta para outros Estados, como Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás. Mestre Bimba e seus alunos vieram uma única vez a Minas Gerais, em 1968, na cidade de Teófilo Otoni, para uma apresentação em uma exposição agropecuária.

Em 1973, ele se mudou de Salvador para Goiânia por conta da falta de reconhecimento do governo por seu trabalho (apesar de toda fama, ele e sua família estavam passando necessidades básicas). Ao chegar em Goiânia, levando sua família (mais de 25 pessoas, entre esposa e filhos), viu que todas as promessas feitas a ele (casa, academia com alunos, salário fixo e disciplina na universidade) não passavam de mentiras, tendo de recomeçar aos 73 anos de idade em um local desconhecido (clima, comida e cultura estranhos). Dessa forma, um ano depois, em 5 de fevereiro de 1974, Mestre Bimba morre em Goiás.

Apesar de sua morte ele entrou para a história como o criador da capoeira regional. Atualmente, a capoeira que é treinada, jogada e que se espalhou pelo Brasil e pelo mundo é 'filha' da capoeira regional de Mestre Bimba.

Mestre Pastinha



FONTE: <http://bahiaempauta.com.br/?p=2434>

Em 5 de abril de 1889 nasceu, na cidade de Salvador, Vicente Ferreira Pastinha, filho de José Señor Pastinha, um imigrante espanhol e mascate e de Eugênia Maria de Carvalho, lavadeira e vendedora de acarajé. Quando criança, Pastinha era pequeno e magro e por isso outras crianças batiam nele. Uma dessas crianças sempre o pegava no mesmo lugar, em frente a casa de um africano, natural de Angola, chamado Benedito. Um desses dias, o senhor o chamou e disse a ele: `ao invés de ficar empinando raia, vem aqui em casa que vou lhe

ensinar capoeira'. Assim, aos 10 anos de idade (em 1899) foi iniciado na capoeira.

A partir dos doze anos de idade ele já começa a repassar seus conhecimentos na capoeiragem, inclusive para seus colegas da Marinha – onde ingressou. Em um determinado período da sua vida ele se afastou da capoeira por muito tempo, retornando no ano de 1941. Seu retorno foi um episódio emblemático! A convite de um aluno seu, Aberrê, Mestre Pastinha foi visitar uma tradicional roda de capoeira onde só jogavam os principais Mestres da capoeira angola. Chegando lá o comando 'daquela capoeira' foi entregue a ele pelas mãos de Amorzinho, guarda civil que coordenava a tradicional roda.

Em 1941, Mestre Pastinha assume de forma definitiva a responsabilidade pelo resgate da capoeira angola, passando a ser o líder do Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA). No mesmo período, os angoleiros observam o desenvolvimento da capoeira regional e sua grande visibilidade na sociedade. Com isso, Mestre Pastinha e os demais Mestres da capoeira angola perceberam que se a capoeira angola também

não fosse organizada e reestruturada ela poderia desaparecer.

Mestre Pastinha também implantou mudanças, tidas progressivas, na capoeira angola, tais como: método de ensino; uniformização dos seus alunos (calça preta e blusa amarela, em homenagem ao time de futebol que torcia), incluindo a exigência de se jogar calçado; criação de uma organização hierárquica; realizar apresentações públicas para obter o respeito da sociedade; constituir uma concepção filosófica e ritualística, transmitindo para a sociedade que a capoeira teria a capacidade de humanização e de equilíbrio físico e psicológico.

Diferentemente de Mestre Bimba, ele não utilizou a capoeira como luta e sim como arte e cultura. Desta forma, ele conquistou a admiração de intelectuais como Jorge Amado (um dos principais escritores brasileiros), Pierre Verger (fotógrafo e etnólogo francês, brasileiro por opção) e Carybé (desenhista, historiador e jornalista argentino, naturalizado brasileiro). Com isso, assim como a capoeira regional, porém por outro viés, a

capoeira angola também começa a ser aceita e frequentada pela elite baiana.

Ele viajou com a capoeira angola para outros Estados (Rio de Janeiro e São Paulo) e até para o exterior, por ocasião do Festival de Artes Negras que aconteceu em Dakar, na África, no ano de 1966, representando a cultura brasileira. Mestre Pastinha e seus alunos visitaram uma única vez Minas Gerais, em 1981, na cidade de Belo Horizonte, para uma apresentação na Pontifícia Universidade Católica.

Em 13 de novembro de 1981, aos 93 anos de idade, Mestre Pastinha morre. Assim como Mestre Bimba e muitos outros grandes nomes da nossa capoeira, Mestre Pastinha também sofreu no final de sua vida pela falta de reconhecimento e apoio do governo e morreu na miséria! Mestre Pastinha entrou para a história como o guardião da capoeira angola, estilo de capoeira que também se espalhou pelo Brasil e pelo mundo.

CAPOEIRA MINEIRA

CRONOLOGIA

- 1700 a 1888: Por quase dois séculos a mão de obra escrava foi utilizada em Minas Gerais para extrair riquezas, especialmente ouro e diamante.
- 1720: Criação da Capitania Hereditária Minas Gerais.
- 1822: Criação da Província de Minas Gerais (substituindo a Capitania Minas Gerais), cuja capital era Vila Rica.
- 1889: Criação do Estado de Minas Gerais (em substituição à Província de Minas Gerais).
- 1907: Nos primeiros anos da primeira década do século XX, surge em Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto) o capoeira, valentão e desordeiro Pedro Mineiro.

- 1969: Chegada de Mestre Toninho Cavalieri em Belo Horizonte – momento considerado o marco inicial da capoeiragem na capital mineira
- 1970: Nos primeiros anos da década de 1970 ocorreu o encontro entre os Mestres Toninho Cavalieri e Dunga, na cidade de São João Del-Rey, fato que trouxe Mestre Dunga em definitivo para Belo Horizonte.
- 1983: Primeiro evento de capoeira em Belo Horizonte com um formato já utilizado em outros locais no país: cerimonial, convidados, entrega de graduações, batizado. Até então nenhum capoeirista realizava este tipo de evento na capital mineira.
- 1987: Realização da 1ª Jornada Cultural de Capoeira, na cidade de Ouro Preto reunião capoeiristas de todo o Brasil, em especial a velha guarda da capoeiragem baiana.
- 1988: Realização do I Encontro Mineiro de Capoeira, na cidade de Belo Horizonte, reunindo grandes nomes da

capoeira baiana e carioca, além de promover um forte intercâmbio.

- 1990: Criação do jornal impresso Rabo de Arraia, veículo de divulgação exclusiva da capoeira mineira.

- 1991: Criação da Federação Mineira de Capoeira, órgão de representatividade e organização da capoeira. Sua criação contribuiu para a criação da Confederação Brasileira de Capoeira.

- 1995: Realização do I Encontro Internacional de Capoeira, evento que reuniu capoeiristas renomados do Brasil e de diversas partes do mundo e contou com grande audiência e repercussão, inclusive na grade mídia. Foi o primeiro evento de grande porte e internacional realizado na capital mineira.

- 2005: Criação de um novo órgão de representatividade e organização da capoeira: a Federação de Capoeira do Estado de Minas Gerais, a FECAP-MG.

CAPÍTULO III

Trajetos e Apontamentos

Conforme escrito no capítulo I deste livro, a partir do século XVIII no período do Brasil Imperial, a mão de obra fortemente utilizada para desenvolver o país foi a escrava. No Estado de Minas Gerais também não foi diferente, a escravização de negros africanos e seus descendentes também foi amplamente utilizada para a extração das riquezas minerais de nosso Estado, dentre as principais o ouro (antiga Vila Rica, hoje cidade de Ouro Preto) e o diamante (antigo Arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina).

De acordo com a historiadora Ilka Boaventura Leite, os motivos econômicos acima citados, fizeram com que muitos viajantes europeus estivessem em terras mineiras para registrar sua visão sobre aquele 'novo mundo'. E o que mais chama atenção nos diferentes relatos dos mais diversos viajantes foi que "todos os viajantes que passaram por Minas Gerais, no século XIX, foram unânimes em destacar a dança e a música como traços característicos e marcantes da cultura dos negros africanos e seus descendentes" (LEITE, 1996, p. 149).

Os escravos vinham para Minas Gerais das cidades portuárias, receptoras dos navios negreiros, em especial

Rio de Janeiro e Salvador. E como já descrito aqui neste livro, estas duas cidades foram pilares do desenvolvimento da cultura afrobrasileira, em especial a capoeira. Neste sentido, cabe especular que alguns dos negros escravizados em terras mineiras podem ter sido capoeiristas. No livro *Antropologia da Viagem*, a autora relata que “dentre o lundu, o maculelê, a capoeira, o fandango e o batuque, todos mencionados pelos viajantes, é o batuque o mais frequentemente citado” (LEITE, 1996, p. 151).

Isso significa que a capoeira era uma manifestação presente em Minas Gerais pelos idos do século XIX, apesar de não haver registros oficiais (inquéritos policiais ou processos-crime, por exemplo). Outro fato que reforça a capoeiragem mineira no século XIX é a figura de um valentão e arruaceiro conhecido por Pedro Mineiro que causou muitos transtornos e terror nos becos e vielas de Ouro Preto. Saiu fugido de lá e foi para Salvador, onde sua fama de valentão se consolidou. No livro *Capoeiragem no País das Gerais*, quando o autor se remete ao ‘lendário’ Pedro Mineiro, ele finaliza com a seguinte questão: “... se o valente Pedro Mineiro, nascido

após a abolição da escravatura na cidade de Ouro Preto, já era capoeirista. Com quem ele aprendeu?” (NEGOATIVO, 2010, p. 16). Especulando uma possível resposta a esta questão, certamente foi um africano ou um descendente, escravo ou liberto.

É provável ter havido práticas de capoeira na capital mineira já nas primeiras décadas do século XX. Existem indícios dessa prática no ano de 1916, como uma reportagem do jornal *As Alterosas*, do mês de novembro daquele ano, divulgando o “... Centro de Cultura Physica Olavo Bilac...” (KANITZ, 2011, p. 67), onde a capoeira teria sido praticada. Cabe aqui o mesmo questionamento feito em relação a quem ensinou capoeira a Pedro Mineiro: o capoeirista que ensinaria no referido ‘Centro de Cultura Physica’ teria aprendido com quem? Mais uma vez me permito arriscar uma possível resposta: provavelmente com alguém que aprendera em fins do século XIX e/ou início do século XX (haja vista a data da publicação da notícia) – um terceiro fato que vem fortalecer a ‘teoria’ que houve práticas de capoeira em Minas Gerais no século XIX e princípios do século XX.

Apesar das evidências aqui reportadas, ainda não foram encontrados registros sobre capoeira em Belo Horizonte desde então, sugerindo que o período de fins da década de 1960 e início da década de 1970 seja um momento inicial de consolidação e de visibilidade da capoeira em Belo Horizonte (CHEDIAK, 1999; PRIMO; NEGOATIVO, 2007; NEGOATIVO, 2010; KANITZ, 2011; MELO, 2013; 2015; PALHARES, 2016).

Nas décadas de 1960 e 1970 o Brasil estava vivendo um período político e social conturbado por conta da ditadura militar e passando por uma crise econômica. No âmbito da capoeira nacional, havia a 'velha guarda' da capoeiragem baiana, capitaneada pelos Mestres Bimba e Pastinha e o surgimento e consolidação dos grupos Cordão de Ouro, em São Paulo e Senzala, no Rio de Janeiro – dois marcos na consolidação de um novo estilo de capoeira, a do Sudeste do país – influenciado pela capoeiragem baiana de Mestre Bimba, ou seja, de caráter combativo, porém mais esportivizada (valorizando a flexibilidade, a força, a velocidade e o aperfeiçoamento técnico). E é em meio a este contexto social, político e econômico e de novos paradigmas na capoeira nacional

que alguns indícios apontam que capoeira passou a se desenvolver em Belo Horizonte.

Alguns obstáculos tiveram de ser superados para a capoeira se afirmar em Belo Horizonte:

“a figura do mestre ainda representava pouco porque o desconhecimento e o preconceito da sociedade sobre a arte-luta eram muito acentuados, somando-se a isto a repressão exercida pela polícia e ditadura militares aos capoeiristas que, meio às escondidas, aprendiam capoeira como no tempo das senzalas: um com os outros” (CHEDIAK, 1999, p. 27)“.

Ainda em relação à situação política da época, Mestre Dunga, um dos ícones da capoeira mineira, em entrevista concedida a uma revista especializada, quando perguntado sobre um momento mais marcante de sua vida dentro da capoeira, assim respondeu: “na época da Ditadura, em que fui cassado por causa da capoeira. Fui preso pelo Exército e Polícia Militar, na Praça Sete” (CHEDIAK, 1999, p. 31).

O modo como a capoeira foi inserida na capital mineira, quem foram seus pioneiros, como foi sua receptividade na cidade, dentre outras questões, ainda

precisavam ser mais bem compreendidos. O que existem são hipóteses sobre esta prática e aquela que encontra mais respaldo pela 'velha guarda' da capoeiragem de Belo Horizonte é que a capoeira foi introduzida nesta cidade através de algumas poucas pessoas que tinham amigos capoeiristas em outras cidades (como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador) que, ao virem para a capital mineira, ou ao receberem os mineiros em suas casas, lhes ensinavam a capoeira informalmente, como forma de lazer e diversão (PALHARES, 2016).

Os praticantes mineiros, tomando gosto pela prática da capoeiragem, passaram a viajar com alguma frequência para as cidades de quem os iniciou, ampliando seu envolvimento com diferentes praticantes. Mestre Toninho Cavalieri, quando levado por um amigo ao Rio de Janeiro, foi um dos que passaram a viajar com mais regularidade para desenvolver-se na capoeira: "o professor Maia [...] passou a me ensinar capoeira, inclusive com visitas à diferentes rodas, nos finais de semana [...]" (CHEDIAK, 1999, p. 30). E da mesma forma como aprenderam, começam a ensinar a amigos, conhecidos e interessados: em pequenos grupos, isolados

e pontuais, nos terreiros das casas ou em largos. Estes indivíduos, já com um conhecimento básico, resolvem se encontrar para praticar. E é através destes encontros que

“ainda na década de 70, a capoeira continuou ganhando espaço, admiradores e adeptos, graças às rodas livres praticadas na ‘Feira-Hippie’ da Praça da Liberdade [...] Mais tarde surgiu na Praça Sete e Estação Rodoviária [...] e no Bairro Santa Tereza” (CHEDIAK, 1999, p. 27).

Neste período, outro encontro foi fundamental e decisivo para a capoeiragem mineira (e mais especificamente de Belo Horizonte). Em uma visita à cidade de São João Del Rei, Mestre Toninho Cavalieri encontra o Mestre Boca que lhe apresentou o Mestre Dunga. Após este primeiro encontro, o Mestre Toninho Cavalieri consegue moradia, no Bairro Padre Eustáquio, para o Mestre Dunga se mudar para Belo Horizonte:

“A gente pegava o Dunga, o Dunga ia nas minhas rodas de capoeira e eu vinha... para completar, porque não tinha gente, eram poucos alunos e eu ia na casa do Jacaré no meio da semana, o Jacaré ia lá na FAFICH, que era do Paulão, e foi assim [...] quando a

capoeira foi evoluindo mesmo [...] então a capoeira explodiu [em Belo Horizonte]!” (PALHARES, 2016, no prelo).

A partir do pioneirismo de Mestre Toninho Cavalieri, a capoeira passa a ser praticada desde os bairros mais periféricos até a zona sul da cidade, em clubes e academias de Belo Horizonte. Por outro lado, Mestre Dunga – “um bailarino da rua que todos que o viam o respeitavam, como um feiticeiro do bem” (NEGOATIVO, 2010, p. 64) – fez questão de manter vivo o estilo da capoeira de rua, em um trabalho de resistência e identificado com um público de classes sociais mais baixas. Parece então, que a capoeira experimentava um movimento de afirmação em Belo Horizonte, na temporalidade compreendida desde finais da década de 1960 até a década de 1980.

CAPÍTULO IV

Personagens e Mestres

Pedro Mineiro



FONTE: Abib (2009, p. 123).

Pedro Mineiro nasceu Pedro José Vieira em 1887 na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Ele era

“... um homem negro, de olhos pequenos, lábios grossos e nariz largo. Seu cabelo era crespo e tinha sobrancelhas largas, usava um bigode ralo e costeleta, sinal típico da capoeiragem. Tinha o corpo coberto por cicatrizes de [...] faca, navalha e canivete [...]” (Dias, 2005, p. 277-278).

Na sua infância foi alfabetizado, pois é do conhecimento geral que ele sabia ler e escrever, mas

apesar de não haver nenhuma comprovação documental, com apenas vinte anos de idade aproximadamente já era conhecido por suas desordens e arruaças pelos becos e vielas de Ouro Preto. E por conta de seu modo de vida, Pedro Mineiro foi perseguido e teve de fugir da cidade, indo se estabelecer na capital baiana.

Foi em Salvador que ele foi apelidado de 'mineiro', surgindo então o seu 'nome de guerra' – que entrou para a história da capoeiragem. Pedro Mineiro foi um dos capoeiras de maior fama e dos mais temidos nos primeiros anos da primeira década do século XX. Contraditoriamente, ele tinha residência fixa e trabalhava nas mais diversas ocupações, desde carregador e marítimo e também como policial e capanga (ABIB, 2009).

Ele sempre estava envolvido em brigas e badernas nos bares e ruas próximos ao Cais do Porto da Bahia – região onde a maioria dos valentões da época frequentava. Desse modo, em locais onde se reuniam valentões e desordeiros, mulheres e bebidas e com a presença de marinheiros e da polícia, era de se esperar

que o despecho corriqueiro fossem atos de vandalismo e violência, que muitas vezes acabavam em mortes.

De todos os seus feitos, fatos cercados por tumultos e confusões, o principal deles ganhou muita repercussão, inclusive pela imprensa da época. No dia 26 de dezembro de 1914 "... um conflito a bala explodiu entre capoeiras e um grupo de marinheiros do torpedeiro *Piauhy*..." (DIAS, 2005, p. 272) e dois marinheiros foram mortos. Os três capoeiristas envolvidos tentaram fugir, mas acabaram presos e levados para a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia. Foi aberto um inquérito para investigar o caso e dois dias depois – 28 de dezembro de 1914 – Pedro Mineiro estava prestando depoimento e quando perguntado de sua profissão ele respondeu que era um 'secreta da polícia'. Um dos marinheiros envolvidos no episódio e que estava presente se sentiu ofendido com a resposta e atirou três vezes contra o capoeira valentão.

Pedro Mineiro ainda foi levado com vida ao Hospital Santa Izabel, mas dias depois não resistiu aos ferimentos. Ele morreu com 27 anos de idade e seu corpo foi enterrado no Cemitério da Quinta dos Lázaros.

A partir de então seus feitos ganharam fama e ele se tornou um mito entre os valentões e capoeiras. Anos após sua morte surgiu a expressão 'fulano está com o espírito de Pedro Mineiro' se referindo a alguém que se encontra fora de si, em um estado de valentia.

Mestre Toninho Cavalieri



FONTE: <http://www.ilefoundation.org/Masters.html>.

Antônio Maria Cavalieri, o Mestre Toninho Cavalieri, nasceu na cidade de Juiz de Fora/MG, no dia 03 de março de 1938. De família pobre que viveu em um momento conturbado, Segunda Guerra Mundial e crise econômica no Brasil, sua infância foi marcada pela rua: as brincadeiras e confusões. Soma-se a isto a proximidade da oficina onde seu pai trabalhava com a 'zona boêmia' (o baixo meretrício, a delegacia e os bares).

Por volta de 1948-1950, quando ele tinha seus 10-12 anos de idade, indo para a aula de judô, três garotos o provocaram e como ele mesmo disse “eu gostava de uma briga, não procurava não, mas gostava...”¹¹, enfrentou os meninos; só que seu professor de judô, Fábio Maia, assistiu aquela cena e disse que iria ensiná-lo a capoeira, já que também tinha conhecimento da modalidade.

Após algum tempo de aprendizagem seu professor lhe disse que iria levá-lo para passar um final de semana no Rio de Janeiro para conhecer o Mestre Arthur Emídio, “... mas quando eu cheguei lá... treinei um bocadinho com o Arthur Emídio, mas não era o meu prato, eu gostava era da Capoeira da rua mesmo”. Então encontrou com um amigo seu, o Paulo Lopes, que o leva para ver os malandros jogarem na praia, daí “... eles começaram a me ensinar e eu fui aprendendo, na beira da praia”. E estas idas ao Rio de Janeiro começaram a ficar frequentes e constantes.

¹¹ Este trecho e os demais aqui apresentados são de uma entrevista concedida pelo Mestre Toninho Cavalieri, extraída de Palhares (2016).

Por volta de 1969, logo após ter se casado, foi transferido para Belo Horizonte: “chegando aqui eu vi que não tinha capoeira aqui. [...] Não tinha, pelo menos ninguém sabia disso”. Já instalado na capital, estava ganhando pouco e, para tentar melhorar o orçamento, resolveu ir à Associação Cristã de Moços (ACM) oferecer seus serviços como professor de capoeira. A pessoa com quem Cavaliere conversou lhe disse que colocaria um aviso no antigo jornal Diário da Tarde anunciando aulas de capoeira na ACM.

Logo pela manhã, uma pessoa já estava na porta de sua casa para saber mais informações a respeito da capoeira: era o Luís Mário Ladeira, que mais tarde se tornaria o Mestre Jacaré – da velha guarda da capoeiragem mineira. Logo em seguida veio o Luís Alberto, o Paulo Batista, o Mestre Paulão (fundador do Grupo Ginga) e tantos outros: “... chegaram uns vinte lá em casa e montamos o primeiro grupo” [...] Nós começamos a treinar, o grupo foi aumentando, aumentando e ficou bem grande, uns 50 alunos mais ou menos”.

Neste período, o grupo ia se divertir jogando capoeira na Praça da Liberdade. E, da mesma forma como acontece hoje, as pessoas que por ali circulavam paravam para assistir: "... começou a aparecer feira, barraquinha daqui, barraquinha dali e eles punham dinheiro lá no chão para a gente catar com a boca, dentro do chapéu, dentro do berimbau...". Assim, de forma espontânea, surgiu um dos principais pontos turísticos de Belo Horizonte até os dias de hoje: a feira hippie (atual Feira de Artesanato da Avenida Afonso Pena).

À medida que começaram a ter condições (técnicas, musicais, de jogo), cada um procurou caminhar 'com as próprias pernas', ou seja, começam a ensinar próximos de suas residências, para suas comunidades. Tem-se aí o surgimento de vários agrupamentos e a consequente expansão da capoeira na capital mineira.

Mestre Dunga



FONTE: <http://senzalagmdunga.blogspot.com.br/p/o-gr.html>.

O Grão Mestre Dunga (Amadeu Martins), considerado por todos no meio capoeirístico como a 'lenda viva' da capoeira mineira, nasceu em Feira de Santana, na Bahia, em 1951. Filho de pai maquinista de trem a vapor e mãe dona de casa, ele começou a treinar capoeira com oito anos de idade na cidade de Salvador.

Ainda jovem, no ano de 1965, mudou-se para o interior de Minas Gerais, cidade de São João Del-Rei, para trabalhar em uma fazenda. Um ano depois ele ingressou no Exército na cidade de Juiz de Fora. Alguns

anos se passaram e, por intermédio do Mestre Boca, conheceu o Mestre Toninho Cavalieri que tempos depois lhe conseguiu uma casa para morar em Belo Horizonte, para onde se mudou em definitivo.

Desde sua chegada a Belo Horizonte viveu em rodas de capoeira jogadas em fundo de quintal e em praças públicas. Nas décadas de 1960 e 1970, não havia academias para a prática da capoeira, motivo pelo qual a capoeira passou a ser chamada de batuque de fundo de quintal. Isso porque os jogos de capoeira aconteciam nos terreiros dos barracos, nos 'quilombos' – como ele mesmo denomina as favelas da capital mineira.

Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), a capoeira de rua sofreu repressão e perseguição, considerada atividade subversiva pelo governo militar. A polícia tratava de dispersar os 'montinhos' – aglomerados de pessoas que se reuniam pelas ruas de Belo Horizonte. "Foram dez anos de perseguições à capoeira de rua. A Rural era o carro do exército que rondava a Praça da Liberdade, a Praça Sete, a Praça da

Rodoviária e o Parque Municipal e acabava com qualquer montinho”¹².

Na década de 1970, duas situações bastante contraditórias e inusitadas aconteceram com Mestre Dunga. Quando foi morar em Belo Horizonte ele ainda era soldado do exército e, às escondidas, alimentava os universitários presos durante as manifestações estudantis contra a ditadura militar. Em outra oportunidade, após ter saído do exército e já conhecido na capoeiragem de rua, ele foi preso pela polícia porque tocava berimbau e atabaque na Praça Sete: “me levaram para a Polícia Federal, mas esqueceram o berimbau e o atabaque nas minhas mãos. Eu falei para os presos: vamos gingar todo mundo na cadeia e comecei a tocar. Depois fiquei 15 dias na solitária”.

O Mestre ensinou capoeira para malandros e conheceu a vida noturna da capital mineira, “da época da Boemia, do bairro Bonfim e da região da Lagoinha”. Ele relata também o convívio com alguns dos personagens reais citados no romance Hilda Furacão, de

¹² Este trecho e os demais aqui apresentados são de uma entrevista concedida pelo Grão Mestre Dunga, extraída de Sá (2008).

Roberto Drummond, como a prostituta Maria Tomba Homem e o travesti Cintura Fina, um alfaiate que usava terno e sapato branco e praticava a vadiagem – capoeira típica das ruas, dos malandros e valentões: “a capoeira de vadiagem era um jogo cheio de ginga e malandragem, mas também tinha toda uma vestimenta própria”.

Ao longo de três décadas (1970 a 1990) ele foi uma liderança na criação, conservação e perpetuação das mais tradicionais rodas de rua da capital mineira: Praça Sete, Praça da Rodoviária, Praça da Estação, Praça da Liberdade e Parque Municipal. Seu trabalho com a capoeira tem como ‘marca registrada’ a inclusão de meninos de rua e de favelas no universo da cultura popular formando novos agentes culturais.

Atualmente, o Grão Mestre Dunga conduz treinamentos e rodas em sua academia, a Associação Cordão de Ouro - A Senzala Eu Bahia. Também é possível compartilhar seus conhecimentos, sua ritualística marcante e sua energia sem igual na tradicional roda de capoeira da Praça Sete, nas tardes de domingo em Belo Horizonte.

Mestre Mão Branca



FONTE: acervo pessoal do autor.

William Douglas Guimarães, mais conhecido como Mestre Mão Branca, nasceu no dia 14 de abril de 1960. Filho de Maria Luiza Magalhães e Jones Adativo Guimarães teve seu primeiro contato com a capoeira aos 10 anos de idade na cidade do Rio de Janeiro, em uma roda na Central do Brasil, quando morava em uma favela denominada morro da Providência.

Porém, foi em Belo Horizonte, sua cidade natal, já com 15 anos de idade onde deu início aos seus treinamentos com o Mestre Jacaré (Luiz Mario

Ladeira). Treinou aproximadamente dois anos e em seguida mudou-se novamente para o Rio de Janeiro, onde deu continuidade aos treinamentos com um grupo de capoeiristas que treinavam na quadra da escola de samba Porto da Pedra, com o Mestre Elinho Águia Negra.

Um dia o Mestre Elinho Águia Negra levou seus alunos para visitarem a Associação de Capoeira Negrinhos de Sinhá (ACNS). Foi então que Mestre Mão Branca conheceu aquele que escolheria para ser seu Mestre nos caminhos da capoeiragem: José Carlos Vicente, o Mestre Gigante (nascido em 1950 e falecido em 1989). Mestre Mão Branca se encantou com o estilo de capoeira e o modo como o Mestre Gigante conduzia seu trabalho com a capoeira e então decidiu ingressar na ACNS onde treinou até se formar Mestre, em 1985.

De volta a Belo Horizonte desde 1980, Mestre Mão Branca passou a utilizar o nome da ACNS no trabalho que vinha desenvolvendo na capital mineira. Durante a década de 1980 ele foi o responsável por implantar algumas inovações na capoeira belo horizontina: a cerimônia do batizado (1983) – evento exclusivo de capoeira que também até então não era praticado em

terras mineiras; o sistema de graduação – que já vinha sendo utilizado em alguns locais do país, mas que em Minas ainda não existia; o registro em cartório do seu grupo de capoeira (1985) – mostrando organização e segurança; o processo de internacionalização da capoeira mineira (a partir de 1988) – levando a capoeira mineira e shows folclóricos para diversos países da Europa; o jornal impresso Rabo de Arraia (1990) – veículo de informações exclusivo aos capoeiristas; fundou e presidiu a Federação Mineira de Capoeira (1991), ajudando a fundar a Confederação Brasileira de Capoeira.

Após o falecimento de Mestre Gigante, em 1989, Mestre Mão Branca resolveu criar um novo nome para seu trabalho, onde pudesse desenvolver seus ideais sem causar problemas com os demais formados de Mestre Gigante. Então, em 1993 cria o Grupo Capoeira Gerais.

Ao longo de mais de trinta anos de dedicação exclusiva à capoeira seu trabalho tem por características principais a alta qualidade técnica e musical, o respeito aos fundamentos e rituais e, principalmente, a formação

de agentes culturais capacitados a continuarem sua missão: disseminar a capoeira.

Atualmente, o Mestre Mão Branca tem divulgado a capoeira ao redor do mundo ministrando cursos e realizando eventos. Além disso, já gravou quatro CDs e duas coletâneas com mais de 80 mil cópias vendidas. Vem realizando desde a década de oitenta vários eventos nacionais e internacionais, dentre eles destacam-se: o 1º Encontro Internacional de Capoeira (1995), um marco para a capoeira em Minas Gerais. Neste evento formou sua primeira turma de Mestres; o 7º Festival Mundial Capoeira Gerais (2015), evento onde recebeu a graduação máxima na capoeira; e o 6º Campeonato Europeu de Capoeira – Duelo de Camaradas (2016), campeonato de capoeira que teve suas finais disputadas no Museu Olímpico, na cidade de Lausanne na Suíça.

CONCLUSÃO

Conforme escrevi na apresentação, este livro é mais uma oportunidade de você leitor ter os primeiros contatos com a história da capoeira, tanto no Brasil quanto especificamente em Minas Gerais.

O conhecimento aqui apresentado não é inédito e tampouco foi descoberto por mim. Simplesmente procurei organizá-lo de forma a promover um panorama histórico introdutório e geral, de fácil leitura e entendimento.

Espero que a leitura deste livro tenha auxiliado no cumprimento da missão do Projeto de Extensão Universitária Gingando para a Vida: plantar a semente da curiosidade para motivá-lo a buscar as fontes aqui citadas (e tantas outras de extrema qualidade, profundidade e relevância), na busca de cada vez mais conhecimento sobre a capoeira e a cultura popular brasileira – verdadeiras fontes de sabedoria para a vida!

REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. **Mestres e capoeiras famosos da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

ABREU, F. J. **Bimba é Bamba**: a capoeira no ringue. Salvador: Instituto Nacional Jair Moura – Núcleo de Documentação e Pesquisa da Capoeira, 1999.

ALMEIDA, R. C. A. **A Saga de Mestre Bimba**. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994.

BELTRÃO, M. C. A. **A capoeiragem no Recife antigo**: os valentões de outrora. Recife: Nossa Livraria, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CAPOEIRA, N. **Capoeira**: os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CAPOEIRA, N. **Capoeira**: pequeno manual do jogador. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CARNEIRO, E. **Capoeira**: cadernos de folclore. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1975.

CHEDIAK, A. O Belo Horizonte da capoeira. **Revista Capoeira**, São Paulo, n.7, p.26-33, 1999.

DIAS, A. A. Os "fiéis" da navalha: Pedro Mineiro, capoeiras, marinheiros e policiais em Salvador na República Velha. **Revista Afro-Ásia**, Salvador, n.32, p.271-303, 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004, p.307.

KANITZ, R. C. M. **Capoeira angola na favela: juventudes, sentidos e redes sociais**. 2011. 152f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LEITE, I. B. **Antropologia da Viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

MELO, V. T. **História da capoeira de rua de Belo Horizonte (1970-1990)**: manifestação cultural, lazer e política na sociedade moderna. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Programa de Pós

Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MELO, V. T. Os capoeiras de rua de Belo Horizonte (1970-1990): permanências e discontinuidades na história da capoeira. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.2, p.221-247, 2015.

NEGOATIVO, M. **A capoeiragem no país das Gerais**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

PALHARES, L. R. O discurso da presença da capoeira em Belo Horizonte nas décadas de 1970 e 1980: produção e produto de sentidos, significados e identidades. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.3, n.1, no prelo, 2016.

PRIMO, M.; NEGOATIVO, M. **Capoeira da memória**: uma homenagem aos mestres. Documentário produzido para o 4º Festival de Arte Negra – FAN, 2007.

SÁ, G. Entrevista concedida pelo Mestre Dunga à Georgiana de Sá, em 04 de fevereiro de 2008. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/overblog/desafios-de-um-capoeirista>.

AUTOR



FONTE: acervo pessoal do autor.

Meu nome é Leandro Ribeiro Palhares, nasci em 1975, em Belo Horizonte. Em 1995 iniciei na capoeira no Grupo Capoeira Gerais e em 1999 formei em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Atualmente sou Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, atuando com a capoeira na extensão, na pesquisa e no ensino. Coordeno a filial do Grupo Capoeira Gerais em Diamantina/MG.

Contato:

Leandro

leandro_palhares@yahoo.com.br / (38) 99140-9000

CRÉDITOS

Realização:

PROJETO DE EXTENSÃO GINGANDO PARA A VIDA

Apoio:



Este livro é uma oportunidade de um primeiro contato com a história da capoeira, no Brasil e mais especificamente em Minas Gerais, e também a trajetória de vida de alguns dos principais personagens da capoeiragem e da cultura popular afrobrasileira.

ISBN 978-85-61330-52-1